

# O fim da ingenuidade



» ANDRÉ GUSTAVO STUMP  
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

No final dos anos 1980, participei de um congresso organizado pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal), em Quito, no Equador. O debate era sobre liberdade de imprensa diante do novo fenômeno resumido em três palavras: tráfico de drogas. O problema não era conhecido no Brasil na época. Por aqui, ninguém falava nem desconfiava da existência de quadrilhas internacionais, de máfias organizadas e conectadas com grupos semelhantes na África e na Europa. Nenhum jornal utilizava a designação narcotráfico ou narcotraficante. A origem da palavra é espanhola. Foi recebida pelo idioma português por necessidade.

Um dos participantes contou uma história impactante. Um traficante de drogas teve seu filho preso nos Estados Unidos. Ele queria libertar o rebento. Negociou com os governos e ofereceu em troca da liberdade do herdeiro simplesmente pagar a dívida externa da Bolívia, algo em torno de US\$ 10 bilhões, na época. Outro colega jornalista (jornalista) contou que o principal problema dos traficantes colombianos era lavar dinheiro. Eles, para chegarem a seu objetivo, costumavam oferecer aos proprietários de grandes residências o dobro de seu valor. E o proprietário não tinha escolha. Era levado a fazer a venda, senão sua vida estaria em sério perigo.

Conto essa história porque, naquela época, o Brasil vivia na mais perfeita ingenuidade. As autoridades nacionais diziam que nada disso ocorria aqui. As pessoas eram felizes e o país não conhecia o fenômeno da droga. Hoje, o cenário é parecido com os relatos dos jornalistas naquele encontro, quase 40 anos atrás. A maior ameaça aos governos latino-americanos não é

um eventual ataque comunista, que aflige militares e bolsonaristas. É o ataque dos narcotraficantes.

O exemplo da Colômbia é estarrecedor. As Forças Armadas da Colômbia (Farc), grupo de origem comunista que se associou aos produtores de drogas, dominaram vastas áreas do país. Não conquistou Bogotá porque não quis. Seria muito difícil montar um governo, ter relações diplomáticas e organizar a administração pública. O grupo preferiu continuar a vender drogas. Em tempos recentes, fizeram acordo com o governo e deixaram a clandestinidade. Constituíram partido político. No México, também, a situação é dramática. Traficantes controlam enormes áreas e vivem em confronto com tropas federais. Os cartéis da droga continuam a exportar seu valioso produto para o mercado norte-americano.

As principais autoridades do governo Maduro, na Venezuela, vivem situação diferente. Eles não enxergam o tráfico. Olham para o outro lado e permitem que o país seja um corredor na direção do mercado norte-americano e europeu, via África. A droga contaminou os países da América do Sul. O Brasil, que era um corredor de passagem, se transformou em grande consumidor. Os exemplos recentes dos episódios ocorridos no Rio de Janeiro demonstram que milicianos e traficantes se estabeleceram em grandes áreas na cidade. Conseguiram se infiltrar na política, em diversos setores da administração pública e do parlamento. E no Judiciário. Vez por outra, um juiz no plantão liberta notório traficante. Depois se justifica com complexas interpretações da lei.

Agora, o Mossad, notório serviço secreto de Israel,

implacável na execução de seus objetivos, e os serviços de inteligência dos Estados Unidos avisaram à Polícia Federal brasileira de que pessoas ligadas ao Hezbollah, grupo terrorista que opera a partir do Líbano, sob instruções do governo do Irã, pretendiam, ou pretendem, realizar ações terroristas contra instituições judaicas no Brasil. Ou seja, bombardear o inimigo do Oriente Médio em todo o mundo, inclusive na América Latina. E nela, o Brasil. A PF agiu rápido e prendeu dois homens supostamente ligados àquele grupo e cumpriu mandados de busca e apreensão em São Paulo, Minas e Distrito Federal.

As reações ao caso são as de sempre. Autoridades dizem que o Brasil é uma sociedade pacífica e que todos estrangeiros, sejam de qualquer nacionalidade e crença religiosa, convivem em ambiente de plena liberdade e segurança. Não há conflitos. É verdade, até agora. Além de Foz do Iguaçu, na triplíce fronteira, Anápolis, em Goiás, possui enorme população de origem árabe, que, aliás, ganhou muito dinheiro na construção de Brasília. Há diversas ilhas de população judaica no país. Uma delas é Copacabana, o bairro em que fica a famosa praia carioca.

O governo federal, finalmente, descobriu que a questão do tráfico de drogas é nacional. Saiu do imobilismo e da posição ingênua de que a questão era assunto de polícia estadual ou local. Vai demorar algum tempo para que o Palácio do Planalto perceba que a guerra na Palestina contamina o mundo inteiro, inclusive o Brasil. É melhor prevenir e capacitar as Forças Armadas para defender as fronteiras das invasões dos traficantes e, agora, dos terroristas.

## Por que é essencial valorizar os professores?

» HELOISA MOREL,  
Diretora executiva do Instituto Península;

» PROFESSORA GORETH,  
Deputada federal (PDT-AP);

» SOCORRO NERI  
Deputada federal (PP-AC)

Durante muito tempo, ser professor no Brasil era um indicativo de ascensão social, uma profissão de prestígio. Se buscarmos na memória, é possível lembrar dos telejornais, no Dia dos Professores, mostrando crianças e jovens que enchiam o peito para responder “quando eu crescer quero ser professora” ou “meu sonho é ser professor”. Mas, com o passar dos anos, em vez desse reconhecimento crescer, seguimos no caminho contrário em relação à valorização desses profissionais.

O prestígio diminuiu, mas a complexidade que permeia a formação dos professores aumentou, e muito. Desafios como a violência, a falta de estrutura nas escolas, a indisciplina e o desinteresse dos alunos, que levam, muitas vezes, à evasão escolar, figuram entre os principais deles. Cenário que se agrava por realidades muito desiguais, como o Brasil, onde milhares de estudantes encontram-se em um contexto de vulnerabilidade social tornando, assim, a equação ainda mais desafiadora para os professores.

Segundo o Censo Escolar de 2021, são mais de 2,2 milhões de professores que entram diariamente nas salas de aula no Brasil, sob os mais diferentes contextos, para desempenhar o importante papel de ensinar às crianças e aos jovens do país. Mas afinal, qual é o impacto social de um bom professor?

Evidências indicam que não há fator mais importante do que o professor para o sucesso dos alunos na escola e na vida. Um importante estudo conduzido por um grupo de pesquisadores norte-americanos, publicado em 2014, analisou registros escolares de milhões de estudantes e descobriu que alunos que foram ensinados por professores de alta qualidade tinham mais probabilidade de frequentar a universidade, tinham rendimentos mais elevados na idade adulta e menor probabilidade de se envolverem em comportamentos de risco na adolescência.

Contrariando o senso comum antigo de que para ser professor bastava ter o dom, essa profissão não é uma escolha que se restringe à vocação, muito pelo contrário: requer alto grau de profissionalização e constante desenvolvimento. E, no esforço de lançar luz sobre essa importante carreira, deparamo-nos com o desafio de entender como a sociedade e os próprios professores a percebem.

Com esse objetivo em mente, foi lançado o Indicador de Valorização de Professores (IVP), um estudo inédito no Brasil desenvolvido pelo Instituto Península. Em sua primeira edição, a ferramenta revela que apenas 26% dos brasileiros acreditam que os professores são bem valorizados no país, enquanto somente 20% dos docentes têm essa percepção. Os dados apontam, ainda, que um em cada três brasileiros percebe que a carreira docente é pouco valorizada – a mesma observação de 18% dos professores.

Além disso, o IVP aponta que a percepção da sociedade e dos professores sobre a Educação no Brasil é positiva, mostrando que ambos a entendem como um valor fundamental e valorizam esse campo de atuação. Por outro lado, em uma nota de 0 a 10, tanto sociedade (6,2) quanto os docentes (5,2) mal avaliam a Carreira. Outro dado que chama a atenção é a qualidade da percepção da sociedade sobre as condições do Ambiente de Trabalho dos professores (4,58). Ou seja, há um consenso de que os professores precisam de melhores condições de trabalho e de uma carreira mais atraente.

Para isso, é preciso um olhar atento e estratégico para o desenvolvimento de um conjunto de políticas públicas que coloquem a figura do professor como peça-chave na engenharia de uma Educação de qualidade. Diversos estados da Federação já estão avançando em alguns desses temas, e, agora, o Congresso Nacional se une a este movimento para que os professores sejam valorizados e tenham condições objetivas de trabalho e desenvolvimento.

A busca é para que os professores tenham a possibilidade de atuar com seu máximo potencial e, assim, melhorar a aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, ampliam-se o potencial, as habilidades e competências das crianças e dos jovens, possibilitando que eles tenham mais alto. Com acesso a um futuro melhor por meio de uma Educação de qualidade, é possível quebrar um ciclo de pobreza que, muitas vezes, se perpetua por gerações.

Não há nação que tenha se desenvolvido negligenciando a educação e seus professores. Se queremos ter um país mais próspero, justo e menos desigual, a união e o trabalho conjunto da sociedade civil organizada e do poder público se faz cada vez mais urgente para que as professoras e os professores brasileiros possam cumprir com seu dever mais fundamental: o de ensinar.

## O papa e o apocalipse climático

» MARCELO COUTINHO

Professor doutor e coordenador do curso de hidrogênio verde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Em um gesto inédito, o papa vai à Conferência Internacional do Clima, a COP28, em Dubai, com intensa agenda de encontros com os líderes mundiais. A igreja está profundamente preocupada com o aquecimento global a ponto de o Vaticano fazer a sua própria conferência sobre as mudanças climáticas na Pontifícia Academia das Ciências. O secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Pietro Parolin, participou da cerimônia de assinatura de uma declaração inter-religiosa que conchama os líderes religiosos a mobilizarem as suas comunidades para enfrentar o problema. Para o cardeal, “é preciso focar em como enfrentar a crise climática agora”.

A preocupação dos intérpretes da Bíblia com o aquecimento do planeta, cujas graves consequências começaram a ser sentidas, tem um tom de alarme coincidente com o que diz a ciência sobre o assunto: o efeito estufa exacerbado, resultante da emissão antropogênica de carbono, é uma ameaça real à sobrevivência na Terra. “O quarto Anjo derramou sua taça no sol. E o sol teve a permissão de queimar as pessoas com fogo. E elas ficaram queimadas com esse forte calor. Então, blasfemaram contra o nome do Deus que tem autoridade sobre essas pragas. Mas não se arrependeram para dar glória a Ele” (Apocalipse, 16:8).

O calor mortal é uma das características das mudanças climáticas mais óbvias, assim como os rios que secam ou os cursos de água que morrem no livro do Apocalipse, como também consta entre as sete taças do furor divino: “E vi algo como mar de vidro misturado com fogo” (...) “E o mar se tornou sangue, como o sangue de um morto. E morreram todos os seres vivos do mar” (...) “Houve então relâmpagos, vozes, trovões e fortes terremotos”. Qualquer semelhança com o aquecimento dos oceanos que ameaça a vida marinha ou com as tempestades hiperbólicas atuais talvez não seja mera coincidência. O Vaticano toma todo o cuidado para não usar fora das suas paredes termos apocalípticos, mas a

inquietação é mesmo grande.

O que se sabe agora é que o aquecimento global está ocorrendo mais rápido do que se imaginava. Se os cientistas erraram foi para menos. O limite de 1,5 °C já bate à porta. E as emissões de combustíveis fósseis são os maiores responsáveis por essa crise. O petróleo, o carvão e o gás natural são os grandes vilões de um enredo que conduz o mundo à destruição das civilizações. Mas os chamados biocombustíveis, e sobretudo o etanol, têm parte da culpa também porque já desmataram muito diretamente ou empurrando outras culturas e a pecuária para cima dos paraísos florestais virgens, com o mesmo cinismo que um dia tornou o gás natural uma mentirosa parte da transição energética.

Usineiros e donos do petróleo parecem querer dinheiro acima de tudo. Formam a nova Babilônia, a grande prostituta, que se corrompeu em comércio nefasto e despudorada ostentação de riqueza: “Estava toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas” (...) “Os reis da terra se prostituíram com ela. Os habitantes da terra ficam embriagados com o vinho da sua prostituição” (Apocalipse 17:2). As inúmeras passagens do livro sagrado sobre a cidade tomada pela fumaça do incêndio babilônico nos fazem também perturbadoramente lembrar de Manaus ou Nova York, asfixiadas pelas matas em chamas do aquecimento global. Isso para não falar em Isaías (34:9), em mais uma profecia digamos, petrolífera: “Se transformarão em piche, o seu solo, em enxofre, e a sua terra ficará como betume ardente”.

A ciência já disse tudo que precisava dizer. O que a ciência ainda não disse é que podemos ser como aqueles porcos possuídos que se jogam do penhasco, em outra alusão bíblica. Mesmo sabendo o que se passa, e qual será o nosso fim se não promovermos uma transição energética verdadeira e rápida, limpando o mundo dos combustíveis orgânicos, muitos ainda resistem às mudanças tão necessárias na descarbonização das economias globais. A transição energética não tem nada de ideológica.

É uma necessidade premente objetiva. E a única forma de escaparmos de uma tragédia babilônica é adotando energias zero carbono, e não as fraudes supostamente “baixo carbono”, que é um malabarismo conceitual e malandragem inventada pelos carburantes para simplesmente continuar enriquecendo com incentivos públicos.

A mais recente manobra dessa turma que planeja agora pegar carona no hidrogênio para poder se beneficiar de subsídios do governo é a minuta de lei proposta pelo Ministério das Minas e Energia, apresentada ao Conselho. Uma peça legislativa estarecedora que dilui o hidrogênio verde entre hidrogênios poluidores a ponto de sequer mencionar no texto o hidrogênio inorgânico renovável (HIR ou H2V), o mais indicado para a descarbonização. Escamoteiam suas reais intenções misturando hidrogênios que emitem carbono com o hidrogênio que não emite carbono na produção nem no consumo como se fossem coisas iguais ou diferentes apenas em questão de nível. Os países mais avançados demarcam 2kg de CO2 por quilo de H2 produzido, mas a lei ora proposta no Brasil folga os limites de emissão para o dobro disso, e esconde da sociedade a procedência dos hidrogênios, de maneira a comportar os interesses de ruralistas.

Para piorar tudo, o mundo vive hoje uma nova guerra fria. As guerras vão se acumulando, as tensões polarizantes aumentam, e países produtores de petróleo como a Rússia já nem escondem mais sua oposição às energias verdes, num caldo geral com jeito mesmo de apocalipse. Tudo isso torna ainda mais difícil a cooperação internacional para enfrentar as mudanças climáticas, que requerem uma ação coletiva global para serem contornadas. Como bem sabemos, comportamentos oportunistas na consecução de bens públicos como o clima são empecilhos políticos quase intranponíveis, e com isso acabam gerando resultados coletivos irracionais desastrosos. Ainda há tempo de corrigir. Oremos! Ouçam o papa!